

**COMO É SER JOVEM EM MINAS GERAIS: RELIGIÃO, MORAL,
COSTUMES E POLÍTICA**

***AS IT IS TO BE YOUNG IN MINAS GERAIS: RELIGION, MORAL,
CUSTOM AND POLITCS***

Marcelo Ayres Camurça¹, Fátima Regina Gomes Tavares², Carlos Eduardo Procópio³, José Wellington de Souza⁴, Rodrigo C. de Mello R. de Carvalho⁵

¹Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ / professor do Departamento de Ciência da Religião e dos Programas de Pós Graduação em Ciência da Religião e Ciências Sociais no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, Brasil / mcamurca@acessa.com

² Doutora em Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ / professora do Departamento de Ciência da Religião e dos Programas de Pós Graduação em Ciência da Religião e Ciências Sociais no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, Brasil / fattavares@uol.com.br

³Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Especialização em Ciência da Religião e Mestrando em Ciência da Religião por esta mesma universidade / foi bolsista (CNPq) do projeto “Religião, Cultura e Política entre a Juventude de Minas Gerais” entre agosto de 2003 e agosto de 2006 / procopio2@yahoo.com.br

⁴Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Especialização em Ciência da Religião e Mestrando em Ciência da Religião por esta mesma universidade / foi bolsista (BIC/UFJF) do projeto “Religião, Cultura e Política entre a Juventude de Minas Gerais” entre agosto de 2005 e agosto de 2006 / comumw@yahoo.com.br

⁵Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, e Mestrando em Ciências Sociais pela mesma universidade / foi bolsista (CNPq) do projeto “Religião, Cultura e Política entre a Juventude de Minas Gerais” entre agosto de 2003 e agosto de 2006 / rcmello2@yahoo.com.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Ciência da Religião, Campus Universitário – Martelos 36036330 - Juiz de Fora, MG – Brasil

Resumo

Neste trabalho divulgaremos os resultados da pesquisa “ Religião, política e cultura entre a juventude de Minas Gerais”. Na primeira fase da pesquisa aplicamos um survey a 11411 alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública mineira, com questões sobre religião, crenças, tolerância, política e moralidade. Na Segunda etapa utilizamos grupos focais para aprofundarmos as questões investigadas no survey. Apresentaremos, neste texto, uma interpretação do imaginário religioso da juventude mineira e seus desdobramentos na moral, costumes e comportamento político, a partir da conjugação dos dados obtidos nestas duas etapas da pesquisa.

Palavras chave: Juventude, religião, moral, costumes, política

Abstract

In this work we will divulge the results of the research “Religion, politics and culture among the youth of Minas Gerais”. This research counted on two parts - first: one survey applied in 11411 young of the last academic year of the secondary school of the public net of Minas Gerais, that contained questions on religion, beliefs, tolerance, politics and morality; second: focal groups to deepen the questions investigated in survey. We will present, in this text, an interpretation of religious imaginary of this youth and its unfoldings in the moral, customs and behavior politician, from this conjugation of the data gotten in these two stages of the research.

Keywords: Youth, religion, moral, customs, politics

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa “Religião, Cultura e Política entre a Juventude de Minas Gerais”, realizada entre agosto de 2003 e agosto de 2006 procurou trabalhar sobre uma expressiva base de dados quantitativos (primeiro momento da pesquisa) e qualitativos (segundo momento da pesquisa) que pudessem dar conta do complexo universo dos valores, crenças e costumes vivenciados pela juventude mineira, levando em conta o vetor religião e as suas interfaces com o mundo da cultura e da política. Para tanto, analisamos de forma comparada os dados quantitativos, oriundos da aplicação de um survey e as informações qualitativas obtidas através da realização de grupos focais. Desta forma, cotejando as pesquisas quantitativa e qualitativa buscou-se produzir um perfil dessa juventude, tentando lançar luzes sobre a nossa questão principal: como é ser jovem em Minas Gerais.

2. METODOLOGIA

Os dados quantitativos foram obtidos através da análise de um *survey*, que foi aplicado em 11.481 alunos do último ano da rede pública de ensino de Minas Gerais ao final de 2001, através do SIMAVE (Sistema de Avaliação do Ensino do Estado de Minas Gerais). Buscou-se, ao longo de 80 questões estruturadas em 5 blocos (caracterização sócio econômica, pertencças e crenças religiosas, valores morais, tolerância religiosa e perfil político), traçar um panorama das preferências religiosas da juventude mineira e seus rebatimentos na construção dos valores e das crenças dessa juventude.

Em relação aos grupos focais, estes também foram realizados com jovens do 3º ano do ensino médio matriculados na rede pública de ensino, e se

basearam em entrevistas grupais em 5 escolas da cidade de Juiz de Fora, num total de 7 grupos focais distribuídos da seguinte forma: 3 grupos focais foram realizados em uma escola federal; 1 em uma escola estadual do centro da cidade; 1 em uma escola estadual de um bairro de classe média; e 2 em uma escola estadual localizada num bairro de periferia. Estes grupos focais, tal como foi feito com o survey, se estruturaram sobre questões relativas à opção religiosa, composição e influência do núcleo familiar, frequência a cultos religiosos, crenças, costumes, valores, perspectivas e percepções sobre o mundo da política.

3. ANALISANDO OS DADOS

Os resultados obtidos na comparação das duas partes desta pesquisa podem ser divididas em alguns temas: universo religioso, centralidade da família, vivência, imaginário religioso, ética e moralidade, percepção da política.

O universo religioso da juventude mineira – onde 94,9% dos jovens disseram ter religião e 5,1% afirmaram não ter religião - é marcadamente católico e pouco sincrético. Esta afirmação pode ser confirmada tanto nos dados relativos ao Estado de Minas Gerais, onde o catolicismo configura a religião de 79,4% destes jovens, como nos referentes à região metropolitana do estado, onde perfaz 67,4% da juventude. Podemos sugerir que em Minas Gerais se opera uma resistência católica às alterações atualmente em curso no campo religioso brasileiro, onde se verifica uma queda percentual do catolicismo face ao crescimento das religiões evangélicas e de tendências individualizadas de desinstitucionalização religiosa. Ao compararmos com os dados apresentados na pesquisa “Jovens do Rio” (NOVAES E MELLO, 2002) pode-se depreender, por um lado, a força do catolicismo juvenil

mineiro (79,4% x 51,9% no Rio de Janeiro); e, por outro, a insipiência dos sem religião em Minas Gerais (5,1%), em contraste com o universo carioca (15,5%).

Por outro lado, a queda percentual do catolicismo na região metropolitana em relação ao Estado é percebida por Léa Perez, como uma conseqüência daquilo que ela, designou como “duplo efeito cidade/secularização”, onde o aumento do tamanho das cidades implicaria em um aumento da diversidade religiosa, mais especificamente protestante e pentecostal, em detrimento da preponderância católica. Segundo Perez “do ponto de vista da religião, o duplo efeito operaria, simultaneamente e a um só tempo, na diversidade religiosa e na privatização da religião sem, no entanto, acarretar seu desaparecimento. O pertencimento religioso escaparia do exclusivismo das formas tradicionais, tornando-se mais poroso e mais difuso” (PEREZ, 2005).

Esta diversidade do campo religioso também foi observada no âmbito dos grupos focais, onde o catolicismo se firmou como a religião hegemônica entre os jovens, sem com isto, repelir a manifestação de outras denominações religiosas¹.

A importância da escolha da religião pela influência dos pais em comparação com a opção “motivos pessoais” constitui um indicador da centralidade da família na transmissão religiosa entre os jovens mineiros. Em Minas Gerais, 61,1% dos jovens devem sua escolha religiosa à influência dos pais, contra 31,5% que responderam “motivos pessoais”. Esses são dados que apontam para a importância da família, mas que também revelam a presença de outras influências nessa transmissão religiosa.

No entanto, esse índice de transmissão religiosa sofre variações quando discriminamos a influência da família pela religião declarada dos jovens: a influência dos pais ocorre mais intensamente entre os que se declararam católicos (67,5%, contra 27,8% de motivos pessoais). Já nas demais religiões declaradas ocorre a tendência inversa: os motivos pessoais variam de 44% a 50%, contra 36% a 38% aproximadamente para a influência dos pais. A importância dessa transmissão religiosa também varia significativamente de acordo com a religião declarada dos pais. O pai ter ou não religião é um dado importante na pertença religiosa do filho: quando o pai não tem religião é que se observa o maior índice de jovens sem religião (20%). Já quando os pais são católicos é que se observa o maior índice de transmissão religiosa: acima de 90% dos filhos declararam-se católicos. Pode-se notar, ainda, que quando os pais são protestantes tem-se o segundo maior índice de filhos sem religião (aproximadamente 10%). Numa comparação com os “Jovens do Rio” percebem-se diferenças acentuadas no âmbito da transmissão religiosa: entre os jovens da nossa pesquisa, são os católicos que mais seguem a crença da mãe (94,5%); entre os jovens cariocas, os evangélicos são que mais seguem a crença da mãe (71,4% entre os protestantes e 60,2% entre os pentecostais).

No âmbito da nossa pesquisa, 16,9% dos jovens mudaram de religião (entre os “Jovens do Rio”, 17,3% declararam ter mudado de religião). Dentre aqueles que mudaram de religião, os principais motivos alegados para a troca foram “a nova religião trouxe paz e felicidade” (43,9%), seguido da “doutrina da nova religião” (31,1%). Quando perguntados sobre a época em que foi feita a nova opção

religiosa, verificamos que os índices de mudança de religião aumentam à medida que se recua no tempo. Assim, observamos a menor percentagem entre os que se converteram há menos de um ano (20,7%) e a maior entre aqueles com mais de cinco anos na nova religião (34,5%). Considerando que os nossos entrevistados situam-se na faixa que vai dos 17 aos 19 anos, pensávamos encontrar maior incidência entre os recém convertidos, o que favoreceria a hipótese de que os jovens encontram-se mais propensos a realizar uma opção pessoal de mudança em relação à religião familiar. Essa hipótese, no entanto, não se confirmou! O que se detecta é o peso da família ao recuarmos no tempo para avaliar o contexto em que se deu a mudança de religião. Assim, a importância dos pais é maior para conversões mais antigas (com mais de 5 anos), sugerindo que no restrito grupo dos que se converteram a uma outra religião, muitos deles podem tê-lo feito no contexto de uma mudança religiosa familiar.

No conjunto de questões que procurou medir hierarquicamente o valor de várias instituições sociais, observamos a importância da família, da escola e do trabalho, tanto entre os “com” como entre os “sem” religião (a religião, portanto, não parece constituir um forte apelo para o fortalecimento dessas instituições).

Evidencia-se, assim, o perfil de uma juventude que se constitui e se reconhece nos espaços tradicionais de reprodução de valores e costumes (como a família, a escola e o trabalho), mesmo considerando-se as atuais transformações na esfera familiar. No entanto, podemos considerar que essa juventude assimila e conjuga a força da tradição familiar, recriando-a na medida em que adquire novos valores e costumes na sua experiência em outros espaços sociais, o que pode ser

observado nas opiniões acerca de questões relativas à moral e à ética corporal, como veremos mais adiante.

A centralidade da família também foi verificada no âmbito dos grupos focais. Pudemos observar que a grande maioria dos jovens entrevistados nos grupos focais permanece ligado à religião transmitida pelos seus pais. Em apenas 10 casos observamos total discordância com a religião dos pais e em 7 casos foi possível perceber a concordância com pelo menos a religião da mãe (exceto em 2 ocasiões, uma em que a religião da filha é a mesma do seu pai e uma outra, em que a filha permaneceu católica, junto com suas irmãs, enquanto sua mãe se convertera ao pentecostalismo). O ethos familiar sem dúvida exerce alto grau de influência nas escolhas desses jovens estudantes. Cabe, porém, ressaltar que as descontinuidades religiosas que se operam no interior da família não abalam os alicerces desta instituição – afirmada e reafirmada como central na vida destes jovens – haja vista que até mesmo nos casos em que as religiões de pais e filhos apresentavam total ou parcial dissonância, a quase totalidade dos entrevistados afirmou ter boas relações com eles.

O imaginário da "tradicional família mineira" é percebido nos grupos focais através da importância conferida ao núcleo familiar. Esta pode ser observada no âmbito da influência da pertença religiosa e também na ênfase que os jovens concedem às suas famílias em detrimento de outras esferas de sociabilidade.

Procuramos também verificar a importância concedida a outras dimensões da vida, como o estudo, trabalho, namoro, esporte e amigos, interligando-as à seguinte questão: “Como é ter responsabilidade e aproveitar a

vida”? O estudo é compreendido pelos jovens como uma dimensão importante, de grande responsabilidade, porque nele está a garantia de um futuro. Muitos reportam essa importância ao contexto específico no qual eles se situam: o último ano do ensino médio e as possibilidades futuras que envolvem o ingresso na universidade. Juntamente com o estudo, o trabalho (muitos deles já trabalham) também configura uma preocupação do momento e não um projeto para o futuro. Esses dois valores – estudo e trabalho – simbolizam a responsabilidade no imaginário desses jovens. Ao mesmo tempo, todos ressaltam a necessidade de aproveitar a vida – estar em contato com os amigos, namorar, praticar esportes, ter momentos de descontração. O equilíbrio entre aproveitar a vida e ter responsabilidade parece independe da filiação religiosa, indicando, a nosso ver, um certo espírito geracional desta juventude, o que nos leva a relativizar a tese de “moratória social” - ou seja, a suspensão das obrigações morais e imposições sociais pela juventude para fruir a vida - tal como proposta por Margulis e Urresti (1996).

A respeito da forma como vivenciam as suas religiões e o grau de frequência com que a praticam, percebemos uma correlação entre os dados do survey e o que foi observado no âmbito dos grupos focais. No survey, a grande maioria dos jovens afirma participar com relativa assiduidade aos cultos de suas religiões, assim como o hábito da oração diária foi indicado como a prática religiosa mais frequente entre eles. Todavia, parece que aqui também se demonstra o duplo efeito percebido por Léa Perez (2005). Ao examinarmos no survey as porcentagens da região metropolitana, constata-se a oração diária (71,8% na região metropolitana) como a forma mais usual de prática religiosa, combinado a uma frequência religiosa

extremamente baixa (29,1% para a região metropolitana contra 64,1% para o Estado de Minas Gerais).

No que se refere às crenças religiosas, podemos afirmar que o imaginário destes jovens é extremamente rico e representativo da pluralidade do campo religioso brasileiro. O survey já havia indicado que as crenças religiosas extrapolam as fronteiras institucionais das religiões estabelecidas, contudo, esta porosidade não implica na desconstrução da indelével marca católica dessa juventude. Assim, a força do imaginário católico parece conviver com um certo transbordamento do imaginário religioso para além de suas fronteiras institucionais: por exemplo, observamos que entre os que se declararam sem religião (4,1%), a quase totalidade dos respondentes afirmou acreditar em Deus (87,3%); observamos também que há um elevado índice de não adeptos de religiões mediúnicas que crêem em entidades, orixás, reencarnação e vidas passadas. Já entre o residual grupo dos sem-religião, observou-se, no survey, que seu imaginário é expressivamente religioso, eclético. Podemos sugerir, que esse imaginário é “menos” católico, não se delineando, contudo, como um imaginário “nova era”, já que é pouco permeável a outras crenças religiosas.

Também se tentou mensurar o imaginário dos jovens no âmbito dos grupos focais. Os resultados são interessantes e vêm ao encontro do que explanamos acima. Pudemos notar a importância conferida a Deus, como força propulsora e indispensável para a realização da vida humana, crença que é compartilhada com outros elementos como santos, Virgem Maria, Jesus Cristo e demônios. Todavia, a desregulação das crenças salta aos olhos em alguns casos

como, por exemplo, os de jovens católicos que afirmam a crença em Deus e em Jesus Cristo, mas que, em franca relativização da dogmática católica, repudiam a crença em santos e em milagres; e jovens católicos que concebem Jesus Cristo como uma figura desmistificada, reconhecendo neste somente o seu perfil humano; por fim, o elevado número de católicos que acreditam em reencarnação.

Se considerarmos que os jovens entrevistados no survey são estudantes secundaristas, boa parte deles de cidades pequenas do interior de Minas, marcadas fortemente pelo catolicismo, chama a atenção a pouca valorização da virgindade (virgindade feminina: 37,6%; masculina: 26,1%) e o alto índice de aceitação da união homossexual (61,2%). Já a fidelidade constitui um valor altamente apreciado pela juventude em geral: a concordância foi bastante alta, acima dos 90% tanto para a fidelidade feminina como para a masculina. A concordância com a pena de morte para crimes mais graves foi de 64,5%. O aborto se apresentou como uma questão controversa: é considerado uma “decisão livre da mulher” por apenas 23,8% dos respondentes, enquanto que o maior percentual de concordância (68,2%) foi para a afirmação de que “o aborto não pode ser justificado em nenhuma circunstância”.

Por outro lado, quando desdobramos as questões de sexo e moralidade pelas religiões dos respondentes, observamos que essa variável produz diferenças acentuadas no universo da pesquisa. Assim, nas questões referentes à virgindade, fidelidade, aborto e homossexualidade, percebemos uma tendência de polarização entre protestantes e pentecostais, de um lado; e espíritas, do outro. Os espíritas se posicionaram preponderantemente a favor das opções que apontam

uma maior liberalização do corpo e da moral; ao passo que, na outra ponta, os protestantes e pentecostais, com altos percentuais nas repostas que limitam o controle do corpo, indicando uma resistência aos novos padrões de sexualidade.

Apesar de verificarmos diferenças entre comportamentos mais “conservadores” (protestantes e pentecostais) e mais “liberais” (espíritas), quando o tema é a pena de morte, essas tendências acabam sendo invertidas: nessa questão, a posição dos protestantes e pentecostais, repudiando tal medida, poderia ser considerada a mais “avançada”. Vale destacar, ainda, nesse conjunto de questões sobre valores, a posição do pequeno grupo dos “sem” religião (situando-os em comparação ao grande grupo dos “com” religião). Nas questões referentes à moralidade e regulação do corpo (virgindade, fidelidade, aborto) os “sem” religião são um pouco mais liberais, apresentando percentuais bem próximos aos dos espíritas. No entanto, nas questões que medem a tolerância com comportamentos desviantes (união homossexual e pena de morte), não são verificadas diferenças significativas nos percentuais de respostas entre os “com” e os “sem” religião: os percentuais de resposta dos “sem” religião para essas questões estão bem próximos aos dos católicos, afinando-se, portanto, com a moralidade hegemônica.

Como esperado, ao serem debatidas nos grupos focais as questões sobre virgindade, fidelidade, aborto, pena de morte e união homossexual, os posicionamentos excederam a dicotomia sim/não, característica das pesquisas qualitativas. A fidelidade foi único ponto de consenso geral, considerada imprescindível em qualquer forma de relacionamento. Ser fiel é algo essencial, basilar para o estabelecimento da confiança, denota respeito para com as outras

peças e para consigo mesmo, representa caráter e maturidade. Nossos jovens chegam a expandir a idéia da fidelidade para além dos marcos dos relacionamentos amorosos, ao afirmarem a necessidade de ser fiel, tanto com os amigos, quanto com a família. A diferença entre fidelidade masculina e feminina foi rechaçada tanto pelos participantes homens como pelas mulheres.

A virgindade, como algo que deve ser mantido até o casamento, perdeu centralidade no discurso dos jovens. Contudo, originou outro valor, “o momento certo”. Ao serem interrogados sobre a virgindade, foi corrente a resposta de que esta deve ser “perdida” num “momento certo e com a pessoa certa”. Este tempo é percebido de forma particular, facilmente reconhecido por uma pessoa madura – não ocorrerá com uma pessoa desconhecida, mas com alguém com quem se relaciona a algum tempo, namorado de alguns meses ou anos e não qualquer “ficante”. A diferenciação entre virgindade masculina e feminina também foi lembrada, ao expressarem o fato de que, em uma sociedade tipicamente machista como a nossa, é mais difícil encontrar homens virgens do que mulheres virgens na faixa etária em questão. Entretanto, o apelo à virgindade também foi expresso por parte de algumas jovens como uma forma de autovalorização e até mesmo encarada como um motivo de orgulho.

Nos grupos focais, a união homossexual foi abordada mediante três questões: a favor ou contra a união civil; a favor ou contra a união religiosa; e a favor ou contra a união informal de pessoas do mesmo sexo. Os que eram contra qualquer tipo de relacionamento, pautaram suas justificativas em pressupostos religiosos, tal como, “Deus fez o homem e a mulher para viverem juntos, se

completarem”. Alguns jovens] se posicionaram a favor de um relacionamento entre homossexuais sem a formalização institucional (vale destacar a justificativa de um jovem: “Não tenho nada contra eles vierem juntos, mas daí a casarem ... casamento é algo sagrado, envolve amor e entre homossexuais, não é que eles não tenham sentimentos, mas o que rola é desejo”). Por fim, os a favor da união civil, justificaram-na como um direito à cidadania. Essa diversidade de posições veio qualificar melhor os dados anteriormente levantados (o survey indicou uma aceitação de 61,2% dos jovens mineiros em relação à união homossexual).

O aborto foi defendido pela grande maioria em caso de estupro, gravidez de alto risco e em casos de comprovada má formação congênita do feto. Já a gravidez originada por descuido ou improbidade dos parceiros é vista como uma irresponsabilidade, que além de gerar problemas futuros pode aumentar os riscos de contágio de patologias venéreas.

A pena de morte polarizou opiniões. As pessoas favoráveis justificavam sua necessidade como um recurso hábil e eficaz à redução da crescente onda de violência urbana (consideraram que duras penas inibiriam os atos criminosos). Os jovens demonstraram também uma preocupante descrença nos sistemas judiciário e penitenciário brasileiro, alegando sua ineficácia e corrupção. Por sua vez, os jovens contrários à pena de morte justificavam sua discordância baseada em motivos religiosos, alegando que somente Deus tem o direito de tirar a vida. Também é significativo o fato de que os jovens contrários à pena de morte enfatizaram o caráter obsoleto do sistema judiciário, construindo, a partir desde diagnóstico comum, uma

argumentação inversa a de seus colegas, alegando a incapacidade do sistema de julgar e condenar, baseado em provas precisas e em veredicto justo.

O interesse dos jovens pela política é extremamente baixo. Contrastando com a alta participação religiosa, verifica-se uma baixíssima participação nos espaços tradicionais da política, independente da religião declarada ou mesmo entre os “sem” religião (83,4% entre os “com” e 83,3% entre os “sem” religião não têm interesse por partidos políticos, índices próximos aos dos “Jovens do Rio”, dos quais 21,6% dos entrevistados disseram se identificar ou simpatizar com partidos políticos). Mas a qualidade da participação política sofre algumas alterações quando consideramos dois fatores: a intensidade da participação religiosa (quanto mais intensa a participação religiosa maior a probabilidade de se votar em candidatos da sua religião) e a própria filiação religiosa (os pentecostais são os que mais votam em candidatos da sua religião; já entre os espíritas observa-se a tendência oposta).

Com efeito, os grupos focais confirmaram essa tendência. De fato foi constatado que a participação política entre os jovens é incipiente e, além disto, o acentuado desinteresse destes por este universo. Vale, porém, frisar que este desinteresse por vezes é percebido como um desencantamento, visto como uma impossibilidade de transformação da realidade social. Isto pode ser verificado nas seguintes afirmativas: “Quem sou eu para mudar alguma coisa. Se eu tivesse como mudar, mudaria. Apoiaria qualquer forma que se mostrasse alternativa ao capitalismo”; “A gente é muito passivo”; “Eu acho que toda forma de tentar mudar é válida, só que eu acho que não tem ninguém para mudar não”. A participação

política é incipiente e de maneira geral perpassa a diversidade da filiação religiosa. Os jovens se eximem da participação em esferas tradicionais de ação política (a percepção do voto como um direito político não foi evocado por nenhum dos jovens, sendo citado somente para criticar sua obrigatoriedade).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMURÇA, M. Religião e Juventude: Cultura, Valores Morais e Política. **Trabalho apresentado na IV Reunião de Antropologia do Mercosul**. Montevideo/Uruguai, 2005.
- CAMURÇA, M. e TAVARES, F. Juventudes e Religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Numen**, v. 7, n. 1, 2004. _____ Religião e juventude: Cultura, valores morais e Política. **Texto apresentado na XII reunião da SBS**, UFMG/-BH/MG, 2005. _____ Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais. **Ciências Sociales y Religión**, ano 8, n. 8, 2006.
- JACOB, C.R. et alli., **Atlas de filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**, RJ: Ed. PUC-RJ; São Paulo:Loyola, 2003.
- MARGULIS, M. e URRESTI, M, **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires:Bíblios, 1996.
- NOVAES, R. C. e MELLO, C.C., Jovens do Rio: Circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do ISER**, n. 57, 2002
- PEREZ, L., Juventude mineira: religião e valores. **Texto apresentado na XII Reunião da SBS**, UFMG/BH/MG, 2005.
- PEREZ, L. et alli., Religião, valores morais e política entre a juventude mineira do pólo Capital: observações preliminares. **Numen**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 47-61, Julho de 2004.
- TAVARES, F. R. G. et alli., Crenças e pertencas, moral e sexualidade entre a juventude Mineira. **Numen**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 63-80, Julho de 2004.

ⁱ As questões foram debatidas por 57 alunos, onde tivemos a oportunidade de observar a opinião de 30 jovens católicos (14 homens e 16 mulheres), sendo que destes 2 mulheres se declararam não praticantes; 8 jovens eram espíritas kardecistas (3 homens e 5 mulheres); 13 eram de denominações

evangélicas (5 homens e 8 mulheres). Os evangélicos eram jovens vinculados à Assembléia de Deus, IURD, Deus é Amor, Testemunha de Jeová, Maranata, Mórmon, Presbiteriana e quadrangular. Contamos ainda com 1 rapaz que se disse budista; 1 outro agnóstico; 2 jovens que disseram não ter religião; uma jovem que freqüentava o Santo Daime; e 1 que disse ser “um pouco” católico, por causa de seu pai e “um pouco” testemunha de Jeová, que é a religião de sua mãe.